

1 artista português

2 cartas

3 países

O nosso colaborador Almada Negretos recebeu do sr. D. Eugenio d'Ors o convite para expôr em sala especial as suas obras no Pavilhão espanhol na bienal de Veneza. Transcrevemos a seguir a carta de D. Eugenio d'Ors e a resposta do nosso colaborador:

«Mi querido artista: — Brevemente, como cumple a tiempos de guerra y a horas de agitacion. Soy director de Bellas Artes en España. Como tal llevo hoy la Comissaria de la Exposicion de Venezia. Seccion Española. Y el conde Volpi, Presidente de la Exposicion me ha autorizado a que esta vez, en vista de las circunstancias, nuestro Pabellon, además de los artistas nacionales, que serán pocos, unos siete u ocho y seleccionados con criterio antológico, se invite a otros de primeira linea, entr ellos países que no tienen en el certamen Pabellon especial. Usando de esta licencia yo he escogido dos: el escultor uruguayo Pablo Mañé (que tuvo Sala de Honor en el ultimo Salon de Automne) y mi admirado Almada Negretos, gran figura, para mi gusto y el Arte de Portugal. Por consiguiente esta es para pedirle que me ceda para exponer de ocho a doce obras, de preferencia grandes y dando la idea más completa posible de su personalidad. Reynaldo dos Santos está informado. Pereira de Carvalho d'el Secretariado de Propaganda me ha dado su direccion. El Secretario de nuestra Comissaria D. Juan Marquel le escribirá y le remitirá el diploma de invitacion oficial. Haremos algo bien. Cada artista tendrá su sala propia. Me parece ver desde aqui, con sus grandes figuras de pescadores del Norte, la Sala Almada Negretos. No me diga que no. Transportes y demás, de nuestra cuenta. Pero todo ello muy urgente. Escribame, pues, en seguida a su conformidad y detalles. Le abraza y rindo saludo romano. — Eugenio d'Ors.»

A resposta é do teor seguinte:

«Meu querido Eugenio d'Ors: — Um dia antes de seguir para o estrangeiro Reynaldo dos Santos telefonou-me por causa de carta de Espanha com muito boas noticias para mim. A carta era de Eugenio d'Ors e as noticias efectivamente o mais lisonjeiras para a minha arte. Esperei a sua carta a qual, a-pesar da data de Vitoria 9 de Abril, marcava nos carimbos de Lisboa 15-4-38. Ao seu telegrama respondi em telegrama urgente, mas no telegrafo obrigaram-me a autografar as condições de supetto a demora e todos os riscos á custa do expedidor, depois de paga a taxa de urgente. Isto são contas para os abrazos.

Antes de mais nada, obrigado, muito obrigado, comovidamente obrigado, inescqueivelmente obrigado Eugenio d'Ors, pela grande distincão que faz ao meu nome de artista, e a qual, é justo dizê-lo, tenho pela melhor e a mais alta distincão que até hoje me foi dirigida. Agradeço-lhe comovidissimamente a si e ao seu país que tornou official o convite que me faz. Simplesmente, e como já foi no meu telegrama, a minha unica resposta é esta: impossível aceitar.

Não tive tempo sequer para reparar em que, afinal, sou mais estimado e apreciado em Espanha do que no meu proprio país. A minha consciencia im-

pôs-se-me logo: impossível aceitar. Eu devo á Espanha o que ainda não devo a Portugal no que se refere tanto ao trato para com a minha pessoa como ao apreço pela minha arte. Mas já nada poderá fazer aumentar o meu amor pela Espanha nem diminuir o meu amor por Portugal. E, amando a ambos, contudo, nunca os confundi. A prova de hoje está em que é por serviço pessoal, meu, a Portugal, que me é impossível aceitar o seu valiosissimo convite. Não vá isto sem que eu lhe diga ser esta minha decisào absolutamente contra os melhores interesses da minha arte. Assim poderá Eugenio d'Ors avaliar quão reconhecido lhe fico pelo seu inoidivavel convite, como penoso por não lho poder aceitar. Mas porquê? Por uma circunstancia que vem afinal na sua propria carta: Lá está bem claro que além do valor de primeira linha do artista convidado, é condição tambem que o país deste não tenha no certame alludido Pavilhão especial.

Não ha duvida que este facto em vez de tirar valia ao oferecimento, o avulta consideravelmente, ultrapassando o simples merito do artista e elevando a generosidade do vosso país ao meu; mas por outro lado tambem é causa de tornar mais evidente a consciencia pessoal do artista convidado, e deinho nesta decisào. De tal modo que eu, artista português, não posso aceitar o seu gentilissimo e generosissimo convite para ir expôr nas mais honrosas das condições a minha arte pessoal, num Pavilhão que não é o do meu país e em territorio de um terceiro país!

Nunca assumi nenhuma responsabilidade official, não posso por conseguinte ter o habito de decidir sobre assuntos que ultrapassem os do meu caso particular, combatido a minha consciencia individual bastou-me sempre até hoje praa não me deixar incorrer em faltas de português. Se de facto devo á Espanha melhor trato e mais apreço do que a Portugal, tambem é um facto que o meu nome é o mesmo que eu ponho na minha arte, e ha-de ser português. Só tenho a lastimar a bem triste realidade do meu país não ter pavilhão proprio na bienal de Veneza, a qual representa agora a melhor montra cultural que as nações têm para se mostrarem á Europa e ao mundo. Interessava-me especialmente a bienal de Veneza pelo seu caracter de arte e em opposição a outras exposições internacionais dos nossos dias exclusivamente de propaganda politica. Ora Veneza é territorio de terceiro país e onde a minha aceitação do seu convite evidenciaria de todos os modos desfavoravelmente a ausencia de Portugal. Como vê, sou um particular português e tenho de moderar as minhas pressas pelas de meu país. Eu já o sabia. E embora Portugal me ignore como artista seu para as exposições internacionais, não é a mim, meu querido Eugenio d'Ors, não é a mim a quem pertence hesitar entre o amabilissimo convite de uma nação estrangeira e o meu fado português.

Se ao terminar esta carta tiver ficado intangivel, como creio, o melhor reconhecimento de homem para homem e o de um particular para com uma nação estrangeira; se esse duplo reconhecimento tiver ficado intangivel, como sinceramente creio, eu terei conseguido expressar o que aqui fica guardado no mais precioso do meu intimo: os meus melhores e os mais profundos sentimentos de amizade e de admiración pela Espanha e Eugenio d'Ors. — José de Almada-Negretos